

**A literatura exofônica de Yoko Tawada: uma literatura  
em constante movimento**

**Yoko Tawada's exophonic literature: a literature in  
constant motion**

**La literatura exofónica de Yoko Tawada: una literatura  
en constante movimiento**

Cláudia Pavan  
claudia.pavan@ufrgs.br

Gerson Neumann  
claudia.pavan@ufrgs.br

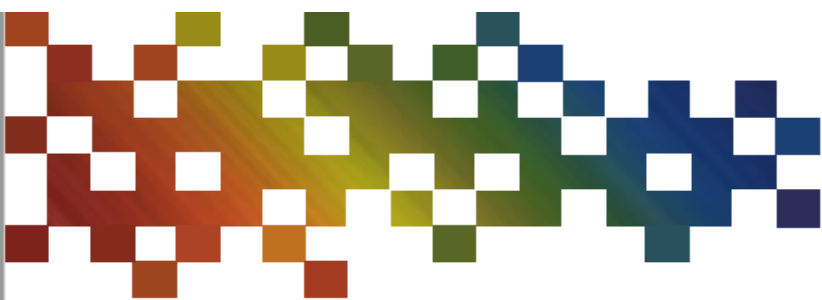
Resumo

Neste artigo, a partir da escrita e das reflexões de Yoko Tawada, bem como de reflexões teóricas de outros autores, discutimos a literatura produzida por escritores fora do seu lugar – e da sua língua – de origem. Trata-se de uma literatura que reclama novos espaços e redefinições de conceitos: uma literatura exofônica, sem morada fixa, em constante movimento e que, portanto, não se deixa confinar a um espaço único bem como não se deixa caracterizar como literatura de migração – conceito ainda utilizado e muito discutido na história da literatura contemporânea. Autores exofônicos desempenham um papel cada vez mais importante na literatura contemporânea, como é o caso de Yoko Tawada, autora nipo-germânica, cuja escrita está em constante movimento entre a língua alemã e a japonesa. Em grande parte de suas obras, Yoko Tawada reflete sobre a exofonia e as fronteiras da língua, levando a novas percepções sobre essa literatura em movimento. Uma análise literário-científica dessas obras deve basear-se em teorias que levem em conta essas tendências e transcendam as fronteiras metodológicas das teorias literárias nacionais – o que pretendemos realizar neste artigo.

Palavras-chave: Yoko Tawada, literatura em movimento, exofonia.

Abstract

In this paper, based on the writing and reflections of Yoko Tawada as well as the theoretical reflections of other authors, we discuss the literature produced by writers outside their place — and their language — of origin. It is a literature that demands new spaces and redefinitions of concepts: an exophonic literature, without a fixed abode, in constant motion and which therefore does not allow itself to be confined to a single space or to be characterized as migration literature — a concept still used and discussed a lot in the history of contemporary literature. Exophonic authors play an increasingly important role in contemporary literature, as it is the case of Yoko Tawada, a Japanese-Germanic author whose writing is in constant movement between German and Japanese. In most of her works, Yoko Tawada reflects on exophony and the boundaries of language, leading to new perceptions about this literature in motion. A literary-scientific analysis of these works must be based on theories that take these trends into account



and transcend the methodological boundaries of national literary theories — this is what we intend to accomplish here.

**Keywords:** Yoko Tawada, literature in motion, exophony

Resumen

En este artículo, basado en los escritos y las reflexiones de Yoko Tawada, tal como en las reflexiones teóricas de otros autores, discutimos la literatura producida por escritores fuera de su lugar y de su lengua de origen. Se trata de una literatura que exige nuevos espacios y redefiniciones de conceptos: una literatura exofónica, sin residencia fija, en constante movimiento y que, por lo tanto, no se deja confinar a un solo espacio, además de caracterizarse como literatura de migración, un concepto todavía utilizado y muy discutido en la historia de la literatura contemporánea. Los autores exofónicos juegan un papel cada vez más importante en la literatura contemporánea, como es el caso de Yoko Tawada, una autora germano-japonesa cuya escritura está en constante movimiento entre las lenguas alemana y japonesa. En la mayoría de sus obras, Yoko Tawada reflexiona sobre la exofonia y las fronteras de la lengua, lo que da lugar a nuevas percepciones sobre esta literatura en movimiento. Un análisis literario-científico de estas obras debe basarse en teorías que tengan en cuenta esas tendencias y que trasciendan los límites metodológicos de las teorías literarias nacionales - lo que pretendemos lograr en este artículo.

Palabras-clave: Yoko Tawada, literatura en movimiento, exofonia.

## Introdução

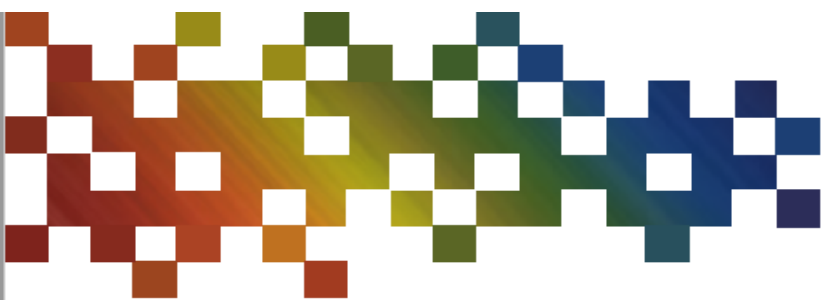
*The journey creates us. We become the frontiers we cross. [...] The frontier is an elusive line, visible and invisible, physical and metaphorical, amoral and moral. [...] To cross a frontier is to be transformed.*

*Salman Rushdie, Step across this line (2002)<sup>1</sup>*

A literatura em movimento se caracteriza por ser própria de um mundo no qual as fronteiras não possuem mais contornos exatos – como observa Salman Rushdie na epígrafe acima – e traz em si a responsabilidade de garantir voz a novos tipos de escrita, a novas experimentações, a novas visões de mundo. Nesse contexto, essa literatura não pode ser vista como uma literatura menor ou menos relevante, uma vez que representa a voz de milhões de pessoas. Como observa Ette (2016), ao analisar a literatura de Yoko Tawada,

a partir da matriz textual da sua literatura, dos entre espaços das suas descobertas e invenções translinguais, há muito, desdobra-se uma biblioteca transareal, cujos textos como mundos-ilhas se articulam constantemente em

<sup>1</sup> Cf. O trecho original: “A viagem nos cria. Tornamo-nos as fronteiras que atravessamos. [...] A fronteira é uma linha elusiva, visível e invisível, física e metafórica, amoral e moral. [...] Atravessar uma fronteira é ser transformado.”



novos mundos de ilhas, sem, contudo subordinar a vida e a vivência do distante, do estrangeiro, do outro. Assim, configura-se um mundo, no espaço da experimentação da literatura, que é global (*weltweit*) num sentido literal da palavra, sem se reduzir ao conceito de literatura mundial, nos termos de Goethe. A palavra *weltweit* (global, globalmente) constrói - e esta é a sua aventura em alemão - a repetição do mundo (*welt*) na extensão (*weit*) [...] (ETTE, 2016, p. 150 - tradução nossa).<sup>2</sup>

Foucault não poderia estar mais certo, quando ainda em 1967 afirmou:

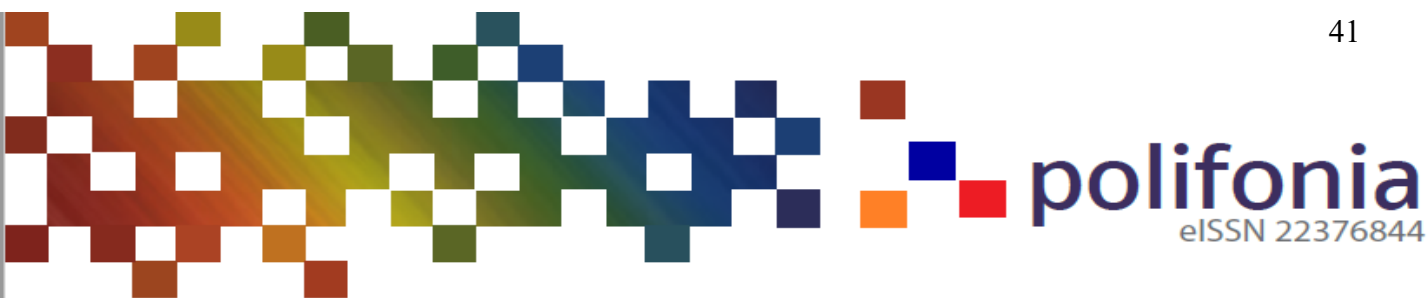
[e]stamos na época da simultaneidade, na época da justaposição, na época da proximidade e da distância, da coexistência e do afastamento. Estamos, penso eu, num momento em que mais experimentamos o mundo como uma rede que vai conectando seus pontos e atravessa seu próprio pandemônio do que como uma vida que vai evoluindo com o tempo (FOUCAULT, 1967 apud HORST, 2009, p. 76 - tradução nossa).<sup>3</sup>

Assim, a literatura assume, nessa rede apresentada por Foucault, perspectivas nas quais a distância e a proximidade já não desempenham um papel de destaque: vozes distintas aparecem lado a lado; pontos que, a primeira vista parecem alheios, conectam-se e a imagem de culturas separadas é abandonada (HORST, 2009).

Nesse contexto, o conceito de literatura de migração, embora ainda utilizado para designar aquela literatura produzida por autores fora do seu lugar – e da sua língua – de origem, torna-se controverso e novas concepções se fazem necessárias.. Ottmar Ette (2012, 2018) privilegia termos como *literatura sem morada fixa* e *literatura em movimento*. Ette ressalta ainda que “a escrita migratória não significa mais literatura de migração, mas vetoriza fronteiras familiares, traçadas por instituições nacionais, de

<sup>2</sup> Cf. o trecho original: “A partir de la matriz textual de su literatura, a partir de los entreespacios de sus hallazgos e invenciones translinguales, se ha desplegado hace tiempo una biblioteca transareal, cuyos textos como mundos-islas se coordinan siempre en nuevos mundos de islas, sin que en la vida y en la vivencia lo distante, lo extranjero, lo otro sean subordinados. Así se configura un mundo en el espacio de experimentación de la literatura, que es global (*weltweit*) en un sentido literal de la palabra, sin que pueda ser reducido al concepto de la literatura mundial en términos de Goethe. La palabra *weltweit* (global, globalmente) construye – y en esto consiste su aventura en alemán– la repetición del mundo (*welt*) en la extensión (*weit*).”

<sup>3</sup> Cf. O trecho original: “Wir sind in der Epoche des Simultanen, wir sind in der Epoche der Juxtaposition, in der Epoche des Nahen und des Fernen, des Nebeneinander, des Aus-einander. Wir sind, glaube ich, in einem Moment, wo sich die Welt weniger als ein großes sich durch die Zeit entwickelndes Leben erfährt, sondern eher als ein Netz, das seine Punkte verknüpft und sein Gewirr durchkreuzt.”



forma elementar, de modo que o nacional já não pode mais ter certeza do seu lugar [...]” (ETTE, 2004, p. 245 – tradução nossa).<sup>4</sup>

Trata-se, assim, de uma literatura que não se deixa confinar a um espaço único, bem como não se deixa caracterizar como literatura nacional, visto que esses autores não se posicionam unicamente nas tradições literárias de seus países de origem. Em vez disso, escrevem frequentemente numa língua diferente da sua língua primeira, muitas vezes combinando duas ou mais línguas em um mesmo texto. Consequentemente, promovem a articulação entre diferentes tradições literárias e culturais, oferecendo perspectivas multifacetadas do mundo e de suas diversas culturas.

Horst (2015) observa, por exemplo, que autores que escrevem em alemão desejam ser reconhecidos como escritores alemães, independente de onde vieram. Além disso, muitos receiam que, alojadas sob a alcunha *literatura de migração*, suas obras sejam vistas como meros documentos de movimentos migratórios e abandonadas em alguma prateleira empoeirada, destinada a literaturas de minorias, como se fossem marginais e clandestinas.

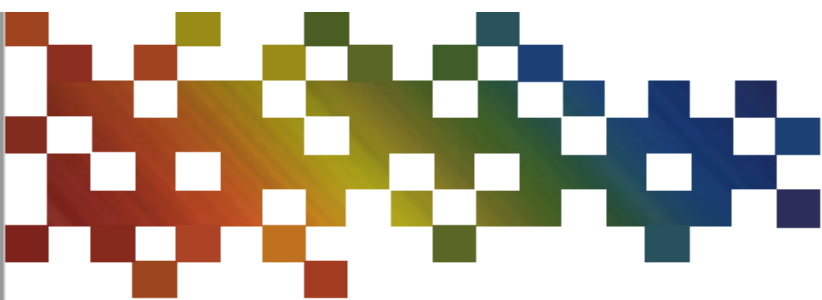
Para Ette (2018), que defende uma abordagem literário-científica transareal da literatura, é preciso abandonar a noção de literatura territorializada, privilegiando um movimento transareal nos estudos literários. A literatura precisa ser pensada não apenas de forma histórico-espacial, mas também de forma histórico-dinâmica, levando em conta a mobilidade espacial, os deslocamentos entre fronteiras e as relações que se estabelecem nesse movimento transareal. Assim, a noção de Estudos Transareais, proposta por Ette (2012, 2018), tem por base perspectivas de desterritorialização, deslocamento e movimento, “uma constelação transareal de saber e de ciência, que busca uma poética do movimento [...]” (ETTE, 2018, p. 29).

Nesse sentido, ganha força o conceito de exofonia, do qual trataremos na seção seguinte.

## 1. Exofonia e literatura em movimento

---

<sup>4</sup> Cf. O trecho original: “Migratorisches Schreiben ist keine Migrantenliteratur mehr, sondern vektorisiert gewohnte und von nationalen Institutionen geschützte Grenzziehungen in einer grundlegenden Weise, dass sich das jeweils Nationale zunehmend seines Ortes [...] nicht mehr sicher sein kann.”



*A literatura é, por definição, exofônica: ninguém escreve como fala. Na época atual, fortemente marcada pelos conceitos de migração, exílio e diáspora, há muito não é mais uma exceção à regra quando um escritor não escreve naquela que é considerada sua língua materna. Mais ainda, as línguas – primeira, segunda, própria e estrangeira – interagem umas sobre as outras, alternam-se e misturam-se: Língua e línguas – ora distintas, ora mescladas complexamente umas às outras.*

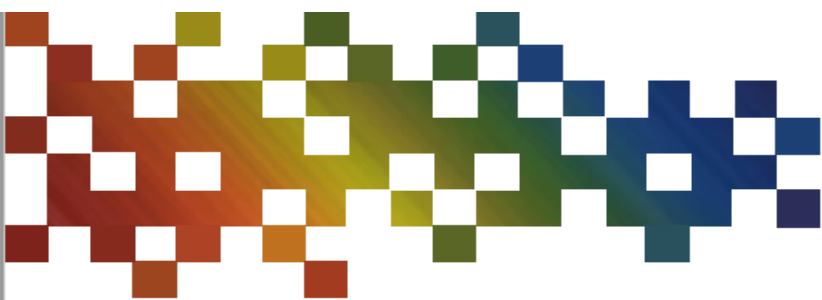
Oskar Pastior, Exophonie (2007)<sup>5</sup>

Escrever em uma língua outra, que não primeira, não representa uma novidade: Fernando Pessoa, sob o pseudônimo Alexander Search, escrevia em inglês; o livro mais famoso de Vladimir Nabokov não foi escrito em russo, sua primeira língua, mas em inglês; Hideo Levy é considerado um dos primeiros autores americanos a escrever literatura moderna japonesa – em japonês. Embora, como lembra Oskar Pastior na epígrafe que abre esta seção, a natureza da literatura seja exofônica, a noção de exofonia ainda é pouco conhecida na esfera dos estudos literários e logra, portanto, um maior aprofundamento, visto que a relevância de autores exofônicos na literatura contemporânea é cada vez maior, a exemplo de Yoko Tawada – que vive na Alemanha há quase 40 anos e já publicou mais de 20 livros naquele país. Além disso, Yoko Tawada já foi agraciada com importantes prêmios literários, entre os quais o extinto prêmio *Chamisso*, outorgado a escritores estrangeiros que escrevem em língua alemã. Ainda mais notável, contudo, foi que recebeu, em 2016, o prêmio *Kleist* – concedido originalmente a escritores cuja língua primeira é o alemão e que indica a expansão da exofonia na literatura.

A exofonia representa um fenômeno no qual a escrita não se realiza na primeira língua: escritores exofônicos se expressam em uma língua que aprenderam já quando adultos e, assim, a reflexão sobre as estruturas gramaticais e sintáticas da língua tem um

---

<sup>5</sup> Cf. o trecho original: “Literatur ist per definitionem exophon: Niemand schreibt, wie sie spricht. In jüngster, von Migration, Exil und Diaspora besonders geprägter Zeit ist es längst nicht mehr nur eine Ausnahme von der Regel, wenn ein Schriftsteller nicht in seiner sog. Muttersprache schreibt. Mehr noch: 'Erst-' und 'Zweitsprache', 'eigene' und 'fremde' Sprache wirken aufeinander, vertauschen und vermischen sich: "Sprache und Sprachen - jeweils und miteinander eine Gemengelage” (PASTIOR apud ARNDT; NAGUSCHEWSKI; STOCKHAMMER, 2007, p. 8 - tradução nossa).



papel importante em suas obras: as palavras são despidas de sua naturalidade eufônica e – desapropriadas e (re)apropriadas – são objetos constantes de novas experimentações (PAVAN, 2019).

É fundamental, para compreender a escrita exofônica, ressaltar a diferença entre crescer com uma língua e aprendê-la quando adulto. Na exofonia, o encontro com a outra língua causa surpresa, desconcerto, ou ainda, um sentimento de liberdade e desapego – justamente porque ela era, até então, desconhecida. Isso não ocorre, ou ao menos não com a mesma intensidade, em autores que cresceram em contato com diversas línguas ou aprenderam outra(s) língua(s) ainda crianças.

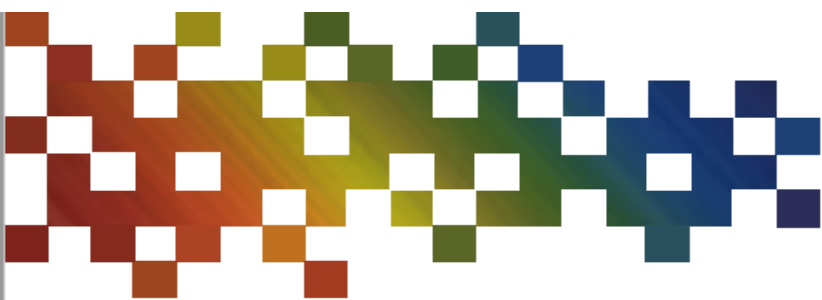
Crescer com uma língua faz com que ela se torne familiar. Não há praticamente nenhum assombro, nenhuma perplexidade diante dela. Autores exofônicos questionam a outra língua exatamente por conta do estranhamento que esta lhes provoca. A autora Jhumpa Lahiri ilustra bem essa dinâmica: falava Bengali em casa com os pais e aprendeu inglês aos 5 anos quando foi para a escola – não escolheu nenhuma das duas línguas, nasceu em uma, cresceu na outra. Sua escrita exofônica se dá em uma terceira língua: o italiano, a língua pela qual se apaixonou já quando adulta.

Não reconheço a pessoa que escreve este diário, nesta língua nova, balbuciante. Sei, porém, que é a parte mais genuína, mais vulnerável de mim. [...] É uma espécie de ato literário de sobrevivência. Não tenho muitas palavras para me expressar - ao contrário. Sinto-me em um estado de privação. E, no entanto, ao mesmo tempo, sinto-me livre, leve. Redescubro a razão pela qual escrevo, a alegria e a necessidade [...] (LAHIRI, 2016, p. 34 - tradução nossa).<sup>6</sup>

Yoko Tawada, que também aprendeu alemão depois de adulta, afirma que a exofonia é como uma aventura na qual se sai do som da primeira língua para ouvir novos sons. A exofonia representa uma maneira curiosa e aventureira de pensar: como se pode sair da língua materna? O que acontece quando se sai dela? Tomemos como exemplo a água, tema recorrente na sua obra. Ao ser questionada sobre seu fascínio em

---

<sup>6</sup> Cf. o trecho original: “I don’t recognize the person who is writing in this diary, in this new, approximate language. But I know that it’s the most genuine, most vulnerable part of me. [...] It’s a sort of literary act of survival. I don’t have many words to express myself – rather the opposite. I’m aware of a state of deprivation. And yet, at the same time, I feel free, light. I rediscover the reason that I write, the joy as well as the need.”



relação à palavra *Wasser* (“água” em alemão), Yoko Tawada responde: “há poder na palavra *Wasser* [...]. É água corrente, comparada à palavra japonesa, *mizu*, que é tranquila, não corre. Mizu apenas fica lá” (HOGUE, 2018, n. p. – tradução nossa).<sup>7</sup> É esse tipo de reflexão que a exofonia provoca em relação à língua estrangeira.

Ette (2016) também ressalta a força do elemento água, e consequentemente do movimento que provoca, na obra de Yoko Tawada. Para ele,

é possível ler toda a obra dessa escritora nascida no Japão como um único e enorme livro (de) ilhas; um Isolário de continentes e culturas, línguas e jogos linguísticos, de mundos-ilhas e mundos de ilhas, onde as formas mais extensas dos seus romances se distinguem como continentes em movimento dentro das mais variadas formas de textos curtos e microtextos. O oceano, o mar, constitui sempre, nesse arquipélago global dos textos de Tawada, aquilo que divide e que une, embora mesmo na separação permaneça sempre um elemento de união, em fluxo, em movimento: um mundo de ilhas, que não se dissolve na água, no líquido, no supostamente infinito, porque, se assim fosse, liquidaria a si mesmo (ETTE, 2016, p. 139 – tradução nossa).<sup>8</sup>

A escrita exofônica evidencia um deslocamento que é sim geográfico, mas é ainda – ou ainda mais que isso – linguístico, textual, identitário, inserindo Yoko Tawada no que Ette (2012) denomina *literatura sem morada fixa* [*Literatur ohne festen Wohnsitz*], uma literatura que parte de uma escrita entre mundos: “Literaturas sem morada fixa mostram [...] que em uma língua (literária) estão sempre (ou ainda) presentes e atuais as estruturas linguísticas e os horizontes literários de outras línguas e literaturas” (ETTE, 2012, p. 65 – tradução nossa).<sup>9</sup>

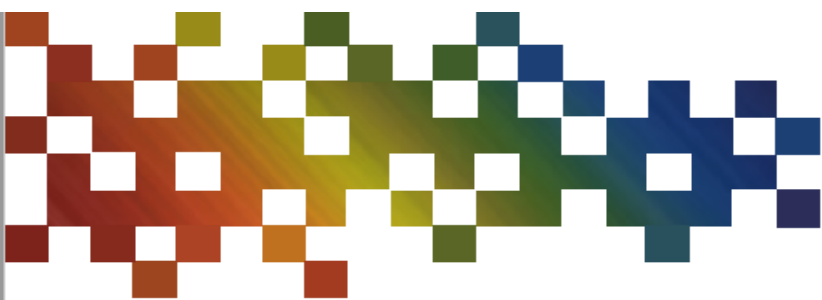
Essa escrita em constante deslocamento produz novas formas de perceber as línguas e tem por consequência uma desautomatização linguística – um estranhamento –

<sup>7</sup> Cf. o trecho original: ““There’s power in *wasser* [...]. It’s running water, compared to the Japanese word, *mizu*, which is quiet. It doesn’t run. *Mizu* just stays there.”

<sup>8</sup> Cf. o trecho original: “es posible leer el conjunto de la obra de esta escritora nacida en Japón como un único y enorme libro (de) islas; un *Isolarío* de los continentes y culturas, lenguas y juegos lingüísticos, de los mundos-islas y de los mundos de islas, donde las formas más extensas de sus novelas se distinguen como continentes móviles dentro de las más variadas formas de textos breves y de microtextos. El océano, el mar, constituye siempre en este archipiélago global de los textos de Tawada aquello que divide y que anuda, aunque incluso en la separación permanece siempre un elemento vinculante, en flujo, en movimiento: un mundo de islas, que no se disuelve en el agua, en lo líquido, en lo supuestamente infinito, porque si fuera así, entonces se *liquidaría* a sí mismo.”

<sup>9</sup> Cf. o trecho original: “Die Literaturen ohne festen Wohnsitz führen [...] eindrucksvoll vor Augen, dass in der einen (literarischen) Sprache immer schon (oder immer noch) die sprachlichen Strukturen und literarischen Horizonte anderer Sprachen und Literaturen gegenwärtig und präsent sind.”





que traz à tona a alteridade e a não obviedade da língua e se manifesta no distanciar-se do conforto e da naturalidade da língua tida como a primeira e no sentir na pele – nos ouvidos, na voz e na própria escrita – outra língua, outro alfabeto, outras sonoridades. A alteridade inscrita na prática literária de Yoko Tawada, e que representa parte indivisível da escrita e da escritora, manifesta-se em sua escrita exofônica, que

nasce de um espírito aventureiro, sedento por sair da língua materna, motivado por questionamentos como: “Como me aventuro para fora da língua materna, que constringe (compromete)? O que acontece se faço isso? (TAWADA 2012:7) Não é preciso escrever como todos escrevem numa determinada língua, argumenta ela, e “é importante trazer à tona a forma oculta de uma língua que ninguém ainda viu” (YIU, 2016, p. 234 - tradução nossa).<sup>10</sup>

Yoko Tawada transforma a exofonia em uma aventura, uma viagem para fora das fronteiras da primeira língua, como já indica o título de seu livro *Ekusofonii, – bogo no soto e deru tabi* (IVANOVIC, 2008). Uma viagem na qual os sons de uma língua abandonam o espaço que lhes foi predeterminado para perceber e acolher outra voz, numa escrita que reflete sobre esse outro na língua do outro e que leva a questionar o que acontece quando a língua dessa língua “já não segue os movimentos e sonoridades da mãe, mas gera novas línguas, línguas estrangeiras?” (ETTE, 2005, p. 182 – grifos do autor – tradução nossa).<sup>11</sup>

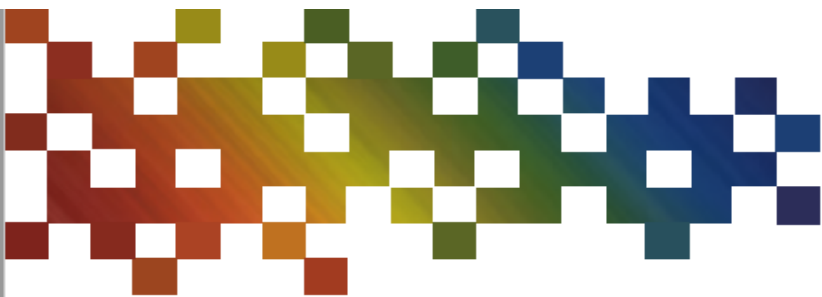
Chegar em outra língua exige, como observa Köhler (2006), uma linguagem corporal igualmente distinta – a união do linguístico ao físico. Essa relação com a outra língua é violenta, intensa, exigindo um esforço físico e transformando o uso da língua em um ato visceral:

Na língua materna, não se consegue mais separar os sons do conteúdo das palavras, a fala não é mais percebida como um processo físico. Apenas na língua estrangeira ela tem a sensação de que seus sons estão vindo de seu corpo. Ao falar a língua estrangeira, ela toma novamente consciência dos

<sup>10</sup> Cf. o trecho original: “Exophone literature is born of an adventurous spirit to go outside the mother tongue, motivated by questions such as, “How do I venture outside the swaddling (binding) mother tongue? What happens when I do that?” (Tawada 2012: 7). There is no need to write like everyone else in a given language, she argues, and ‘it is important to bring out the hidden shape of a language that nobody else has yet seen’.”

<sup>11</sup> Cf. o trecho original: “nicht mehr den Bewegungen und Klängen der Mutter folgt, sondern sich fremde Sprachen, fremde Zungen *zweigen* macht?”





esforços físicos necessários para produzir o som (FISCHER, 2001, p. 200 - tradução nossa).<sup>12</sup>

Essa visceralidade em Yoko Tawada se mostra, por vezes, através da violência da língua. Para Arens (2007, p. 68), “através do marcar e transformar metáforas, personagens e imagens na fisicalidade da própria língua, as explorações ficcionais de Yoko Tawada revelam o traço oculto da violência na língua”.<sup>13</sup> Yoko Tawada revela a violência latente na língua, mostrando que ela invade, traumatiza e, mesmo, viola o corpo até que este finalmente se renda:

Era frustrada qualquer tentativa de descrever a diferença entre duas culturas: a diferença se entalhava diretamente na minha pele como uma escrita estranha que eu até podia sentir, mas não conseguia ler. Qualquer som estranho, qualquer olhar estranho e qualquer gosto estranho produzia um efeito desagradável no corpo, até fazer com que o corpo se transformasse. O som de 'O', por exemplo, invadia meus ouvidos profundamente e o som de 'R' arranhava minha garganta (TAWADA, 2016, n.p. - tradução nossa).<sup>14</sup>

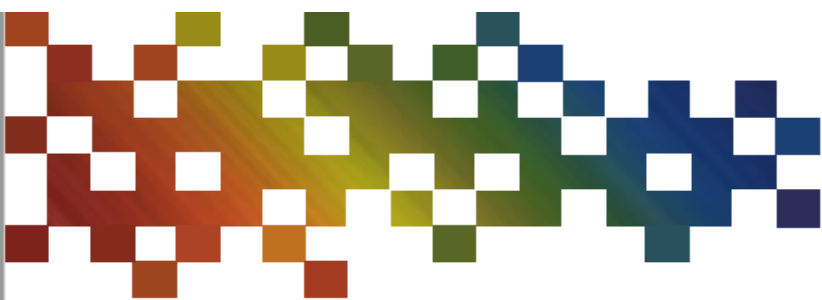
A percepção exofônica da língua, na escrita de Yoko Tawada, estende-se também à materialidade dos signos linguísticos e não se restringe à língua estrangeira, mas se volta também à língua primeira: “sua tradução das superfícies da língua – ou seja, seu foco nas letras, nos sons, nas discrepâncias entre palavras e imagens e em outros aspectos da forma linguística – acaba por tornar tanto a língua alemã quanto a japonesa enigmáticas, dinâmicas e multifacetadas” (ANDERSON, 2010, p. 50 – tradução nossa).<sup>15</sup> Essa é uma das características elementares da escrita exofônica: uma

<sup>12</sup> Cf. o trecho original: “In der Muttersprache lassen sich die Laute nicht mehr vom Inhalt der Worte trennen, das Sprechen wird nicht mehr als körperlicher Vorgang wahrgenommen. Nur noch in der Fremdsprache hat sie das Gefühl, daß ihre Laute aus ihrem Körper kommen. Beim Sprechen der Fremdsprache werden ihr die körperlichen Anstrengungen, die zur Lauterzeugung nötig sind, wieder bewußt.”

<sup>13</sup> Cf. o trecho original: “through marking and transforming metaphors, characters and images in the physicality of language itself, Tawada's fictional explorations reveal the hidden trace of violence in language.”

<sup>14</sup> Cf. o trecho original: “Jeder Versuch, den Unterschied zwischen zwei Kulturen zu beschreiben, misslang mir: Der Unterschied wurde direkt auf meine Haut aufgetragen wie eine fremde Schrift, die ich zwar spüren, aber nicht lesen konnte. Jeder fremde Klang, jeder fremde Blick und jeder fremde Geschmack wirkten unangenehm auf den Körper, so lange, bis der Körper sich veränderte. Die O-Laute zum Beispiel drängten sich zu tief in meine Ohren und die R-Laute kratzten in meinem Hals.”

<sup>15</sup> Cf. o trecho original: “Her translation of the surfaces of language – that is her focus on letters, sounds, discrepancies between words and images and on other aspects of linguistic form – ultimately makes both German and Japanese enigmatic, animated and multivalent.”



percepção distanciada, desfamiliarizada da língua, que produz estranhamento onde, antes da exofonia, existia uma confortável obviedade.

Assim, o foco das obras de autores exofônicos está, geralmente, na estranheza que vivenciam em seus deslocamentos, nos espaços que ocupam, nos papéis que assumem – ou aos quais são submetidos. Esse sentimento de estranheza não é condição única de sujeitos migrantes ou, se refletirmos seriamente sobre as palavras de Said (2001, p. 47), talvez todos sejamos, de alguma forma, migrantes: “nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa.”

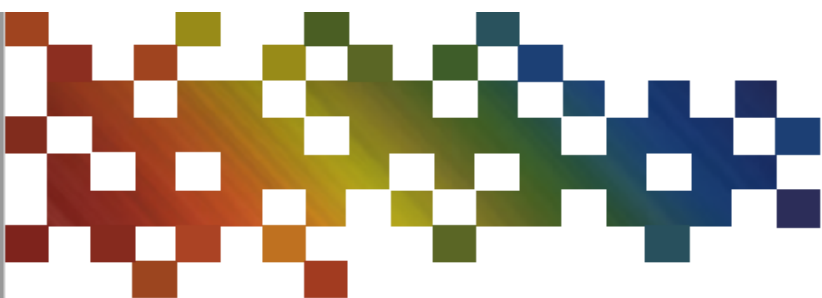
Diferentemente de muitos escritores migrantes, como Max Aub, Hanna Arendt, Herta Müller, que foram forçados a migrar, fugindo das guerras, das ditaduras, da perseguição política, Yoko Tawada apenas seguiu um impulso, uma vontade exofônica de viajar para fora de sua língua primeira em direção a outras línguas:

Eu costumava ler o atlas mundial do jeito árabe: da direita para a esquerda. Nasci no canto direito, no Extremo Oriente, e cheguei à Alemanha através do contato com o chinês, o russo e o polonês. Talvez seja por isso que acredito ter de avançar em direção ao francês. Há tantas línguas fascinantes nesta pequena mancha do mundo chamada Europa (TAWADA, 2010, p. 407 - tradução nossa).<sup>16</sup>

Embora seus textos apresentem características autobiográficas, nenhum deles explicita o motivo de sua ida para a Alemanha. O conto *Wo Europa anfängt* [Onde começa a Europa], por exemplo, narra, em primeira pessoa, a viagem de uma japonesa do Japão a Moscou. A viagem tem início em um navio, atravessando as águas que separam o Japão do continente, e continua em um trem pela ferrovia transiberiana. Nesse conto, a viagem foi motivada pela imagem que a personagem guardara na memória a partir das histórias contadas pelos seus pais sobre Moscou. Yoko Tawada

---

<sup>16</sup> Cf. o trecho original: “Ich hatte früher die Gewohnheit, den Weltatlas arabisch zu lesen: von rechts nach links. Ich bin am rechten Ende, in Fernost, geboren, kam durch die Berührung mit Chinesisch, Russisch und Polnisch ins Deutsche. Vielleicht ist das der Grund, warum ich glaube, dass ich mich in Richtung Französisch bewegen muss. Es gibt unzählige faszinierende in diesem kleinen auf der Welt, den man Europa nennt.”



também fez essa viagem: tendo estudado literatura russa na universidade de Waseda em Tóquio, desejava aprofundar seus conhecimentos sobre a Rússia e, especialmente sobre a língua russa.

Em entrevista (2005), Yoko Tawada explica que sua ida para a Alemanha deu-se mais ou menos por acaso, pois originalmente pretendia estudar na Rússia – o que, na época, mostrou-se inviável. Contudo, o que ela deixa bastante claro é que considera a viagem mais importante que o destino e sua viagem é, sobretudo, literária. No artigo *Unterwegs in neue kulturelle Räume. Gedanken einer deutschsprachigen Autorin japanischer Abstammung* [A caminho de novos espaços culturais. Reflexões de uma autora de língua alemã, de origem japonesa], Yoko Tawada menciona que, ao ser questionada sobre onde se sentia verdadeiramente em casa, respondeu: “em qualquer lugar onde eu possa compartilhar a fascinação pela literatura com outras pessoas” (TAWADA, 2001, n. p. – tradução nossa).<sup>17</sup>

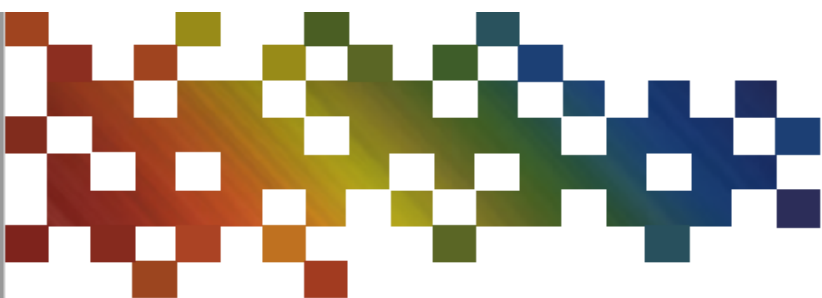
Em suas obras, Yoko Tawada explora intensamente sua percepção das línguas bem como o movimento que se dá entre elas. Uma figura recorrente na sua escrita, e que talvez possa ser considerada a corporificação desse movimento, é a figura da tradutora. A germanista Miho Matsunaga (2002) observa que a tradutora, em Yoko Tawada, está sempre na fronteira entre línguas, esmagada entre dois mundos e obrigada, muitas vezes, a permanecer nessa região de fronteira.

A percepção física da língua estrangeira se traduz igualmente em movimento em seus textos. No conto *Ein Gast* [Um hóspede] (2014a), no qual a personagem principal inicia um inusitado relacionamento com a voz feminina que narra um áudio-romance, ela relata:

Ao cair da noite, comecei a procurar por partes do meu corpo com as quais eu pudesse perceber a voz. Pois eu duvidava que pudesse senti-la nos tímpanos como se ouve uma voz qualquer. [...] A voz não esperava nada de mim. Eu não precisava formular nenhuma frase e podia me transformar toda em tato, um tato sem língua. Não só a língua falada, mas também a língua do corpo não era necessária. Também me sentia livre da visão, pois a voz não tinha olhos (TAWADA, 2014a, p.129 - tradução nossa).<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Cf. o trecho original: “überall, wo ich die Faszination für Literatur mit anderen Leuten teilen kann.”

<sup>18</sup> Cf. o trecho original: “Als die Nacht begann, suchte ich nach Körperstellen, mit denen ich die Stimme wahrnehmen konnte. Denn ich bezweifelte, dass ich sie wie eine gewöhnliche Stimme am Trommelfell



Essa relação física e sensorial faz parte da experiência de Yoko Tawada com a língua alemã desde seus primeiros contatos com a língua, quando foi morar na Alemanha. Segundo Matsunaga (2002), Yoko Tawada declara, em ensaio escrito em japonês, que durante os primeiros meses de sua estada em Hamburgo, ela viveu “sem língua”. Em entrevista (2005), Yoko Tawada afirma que é possível pensar sem palavras e que certamente absorve-se inconscientemente muita coisa através dos sentidos, como cheiros, cores e sensações.

Como escritora estrangeira, Yoko Tawada desfruta a liberdade da experimentação, do desapego que o contato com uma nova língua lhe permite. A liberdade de autora estrangeira fica bem ilustrada no seguinte trecho do ensaio *Da língua materna à língua-mãe*:

Na língua materna as palavras estão grampeadas às pessoas, de modo que raramente se tem prazer lúdico na língua. Os pensamentos se prendem de tal modo às palavras, que nem as primeiras e nem as últimas podem voar livremente. Numa língua estrangeira, porém, se tem algo como um removedor de grampos: ele remove tudo o que está grampeado e que se agarra (TAWADA apud BLUME, 2014, p.66).

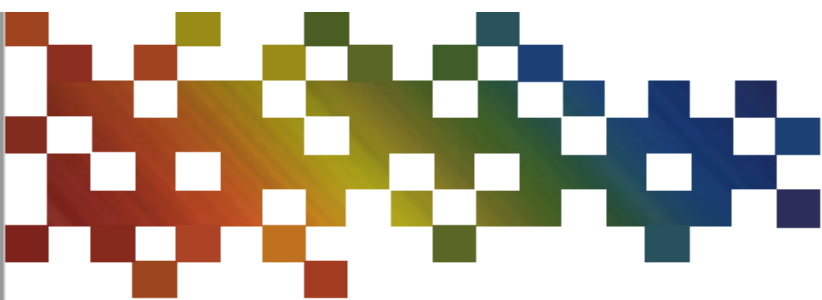
Contudo, essa liberdade tem um preço: ela traz consigo a orfandade, um sentimento de solidão, de perda e de não pertencimento, de saber-se sem pai nem mãe – sentimentos que são marcantes na literatura exofônica e, portanto, presentes também na obra de Yoko Tawada:

[...] diz-se que havia outrora uma ponte de terra ligando o Japão e a Sibéria. [...] No mapa mundi, na biblioteca do navio, vi o Japão, esse filho da Sibéria que deu as costas à sua mãe e nadava agora sozinho no Pacífico. Seu corpo lembrava o de um cavalo marinho, que em japonês se chama Tatsu-notoshigo: o filho perdido do dragão (TAWADA, 2014b, p.14 - tradução nossa).<sup>19</sup>

---

spürte. [...] Die Stimme erwartete das nicht von mir. Ich musste keinen Satz formulieren und konnte mich in einen Tastsinn verwandeln, einen Tastsinn ohne Sprache. Nicht nur die gesprochene Sprache, sondern auch die Körpersprache war nicht mehr nötig. Ich fühlte mich auch befreit vom Blick, denn es war eine Stimme ohne Augen.”

<sup>19</sup> Cf o trecho original: “[...] [es] wird behauptet, dass früher eine Landbrücke zwischen Japan und Sibirien existierte. [...] In dem Weltatlas im Lesesaal des Schiffes sah ich Japan, dieses Kind Sibiriens, das seiner



Embora Yoko Tawada tenha se apropriado da língua alemã, a insegurança, o estranhamento e os limites que a língua estrangeira muitas vezes lhe impõe se fazem presentes em seus textos, provocam reflexões e mostram as estratégias – e os sentidos – utilizados para apreender a língua do outro. Como podemos perceber nos seguintes excertos:

"Como?" Perguntou o senhor Mettinger com uma expressão de surpresa. [...] O que o assustara? Talvez eu não tenha pronunciado o "L" da palavra "pulga" corretamente e ele ouviu um "R". Minha língua tocou secretamente o palato duro para verificar se eu havia mesmo pronunciado um "L". Só com a língua, e não com os ouvidos, consigo perceber a diferença entre esses dois sons. Na minha relação com a língua estrangeira, meu tato é mais desenvolvido que minha audição (TAWADA, 2014a, p.105 – tradução nossa).<sup>20</sup>

As letras formam um muro sobre a folha de papel, eu sigo pacientemente o muro, mas não há nenhuma porta, nenhuma janela, nem mesmo uma campainha. Não consigo ler as frases, embora eu as tenha escrito. (Mas como posso dizer "eu" tão levemente? Uma vez que as linhas foram escritas, elas se distanciam de mim e se transformam numa outra língua, que não consigo mais compreender (TAWADA, 2016, p. 37 – tradução nossa).<sup>21</sup>

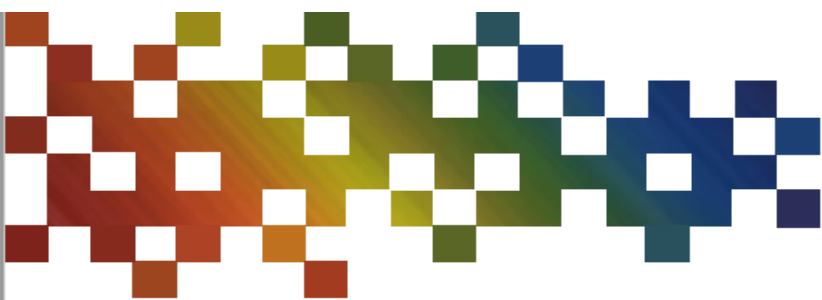
A escrita de Yoko Tawada questiona, experimenta e leva à reflexão sobre os novos sentidos dessa literatura em movimento na contemporaneidade. Além disso, suas experimentações mostram como a língua é viva e livre, como está aberta a uma imensa riqueza de interpretações e percepções. Como aponta Ette (2016), a escrita em movimento de Yoko Tawada convida a uma leitura pendular entre o Japão e o Ocidente, mas que envolve também outros países e continentes, o que “coloca sua obra sob o

---

Mutter den Rücken kehrte und alleine im Pazifik schwamm. Sein Körper ähnelte dem eines Seepferdchens, das auf Japanisch „Tatsu-no-otoshigo“ – das verlorene Kind des Drachens – heißt.”

<sup>20</sup> Cf. o trecho original: “Wie bitte? Fragte Herr Mettinger und machte dabei ein erschrockenes Gesicht. [...] Worüber war er erschrocken? Vielleicht hatte ich das ‘L’ in dem Wort ‘Floh’ nicht richtig ausgesprochen, so dass Herr Mettinger ein ‘R’ gehört hatte. Meine Zunge tastete heimlich am harten Gaumen, um nachzuprüfen, ob ich wirklich ein „L“ gesagt hatte. Den Unterschied zwischen diesen zwei Lauten kann ich nur mit meiner Zunge wahrnehmen nicht aber mit meinen Ohren, denn mein Tastsinn ist im Umgang mit der fremden Sprache weiter entwickelt als mein Gehör.”

<sup>21</sup> Cf. o trecho original: “Auf dem Manuskriptpapier bilden die Buchstaben eine Mauer, ich gehe geduldig an der Mauer entlang, es gibt aber keine Tür, kein Fenster, nicht einmal eine Klingel. Ich kann die Sätze nicht lesen, obwohl ich sie geschrieben habe. (Wie kann ich aber so leichtsinnig »ich« sagen? Wenn die Zeilen einmal fertig sind, entfernen sie sich von mir und verwandeln sich in eine andere Sprache, die ich nicht mehr verstehen kann.)”



signo de una EscrituraEntreMundos (*ZwischenWeltenSchreiben*), característica das literaturas sem morada fixa” (ETTE, 2016, p. 140-141 – tradução nossa).<sup>22</sup>

## Considerações finais

A literatura exofônica está em constante movimento, não tem uma única face e não se reduz a biografias e documentários de sujeitos migrantes, mesmo que questões como identidade, pertencimento e estranheza tenham um papel importante e sejam centrais nas obras de muitos autores exofônicos. Trata-se de um fenômeno contemporâneo e em construção, que desestabiliza posicionamentos universalistas e abala noções nacionalistas de identidade, problematizando a percepção do Eu e do Outro.

Obras como as de Yoko Tawada, bem como de muitos outros escritores que se inserem no contexto dessa literatura sem morada fixa, instigam o debate acerca da soberania das identidades nacionais, questionando e redefinindo conceitos de fronteira, de identidade cultural, de nacionalidade, de migração e provocando novas percepções sobre o outro: a outra língua, o outro país, os outros costumes.

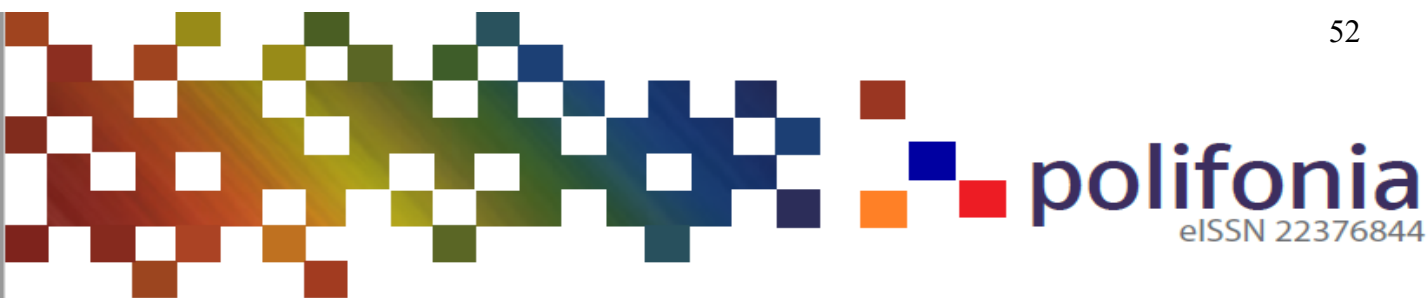
Trata-se, assim, de uma literatura multifacetada, um escrever entre culturas, entre mundos ou – como prefere Yoko Tawada – no espaço entre as línguas, pois, segundo ela, “[...] o espaço entre duas línguas não é um entre lugar, é o espaço concreto, no qual a literatura é escrita” (TAWADA apud SAALFELD, 2016, n. p. – tradução nossa).<sup>23</sup> É, portanto, uma literatura que, independente de qualquer terminologia, representa um movimento constante entre línguas e culturas e que leva a uma visão mais ampla e mais fluida do fazer literário.

## Referências

---

<sup>22</sup> Cf. o trecho original: “sitúa a su obra bajo el signo de una EscrituraEntreMundos (*ZwischenWeltenSchreiben*), característica para las literaturas sin residencia fija.”

<sup>23</sup> Cf. O trecho original: “[...] der Raum zwischen zwei Sprachen ist kein Zwischenraum, sondern der eigentliche Raum, in dem die Literatur geschrieben wird.”



ANDERSON, Susan C. Surface Translations: Meaning and Difference in Yoko Tawada's German Prose. *Seminar: A Journal of Germanic Studies*. University of Toronto Press Incorporated, p. 50-70, 2010.

ARENS, Hiltrud. Das kurze Leuchten unter dem Tor oder auf dem Weg zur geträumten Sprache: Poetological reflections in works by Yoko Tawada. In: SLAYMAKER, Doug (Org.). *Voices from Everywhere*. Plymouth: Lexington Books, 2007. E-book.

ARNDT, Susan; NAGUSCHEWSKI, Dirk; STOCKHAMMER, Robert (Org.). *Exophonie. Anderssprachigkeit (in) der Literatur*. Berlin: Kadmo Verlag, 2007.

BLUME, Rosvitha Friesen. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e de Yoko Tawada. *Itinerários*, Araraquara, n. 38, p.59-72, jan./jun. 2014.

ETTE, Ottmar. A transarealidade das literaturas do mundo. América Latina entre Europa, África, Ásia e Oceania. Trad. Cláudia Fernanda Pavan. In: NEUMANN et al. (Org.). *Arquipélagos. Estudos de Literatura Comparada*. Porto Alegre: Ed. Bestiário, 2018.

ETTE, Ottmar. Archipele der Literatur. Die neuzeitliche Tradition des Insulariums und das transarchipelische Schreiben Yoko Tawadas. In: GUTJAHR, Ortrud (Org.). *Yoko Tawada, Fremde Wasser. Vorlesungen und wissenschaftliche Beiträge*, Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, p. 296-332, 2012.

ETTE, Ottmar. Eine Literatur ohne festen Wohnsitz: Fiktionen und Friktionen der kubanischen Literatur im 20. Jahrhundert. *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte / Cahiers d'Histoire des Litteratures Romanes*. Heidelberg, v. 28, n. 3-4, p. 457-481, 2004.

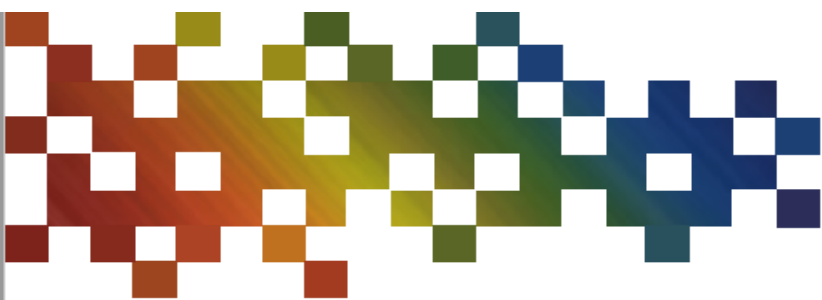
ETTE, Ottmar. "Worldwide"- "weltweit": De la vida en mundos transarchipiélicos. Traduzido por Vicente Bernaschina Schürmann. VAUTHIER, B.; EN FRANCIA, *Difusión*. Revista Suiza de Literaturas Románicas, 2016.

ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005.

FISCHER, Sabine. *Kulturelle fremdheit und sexuelle differenz in prosatexten von Yoko Tawada*. 2001. Tese (Doutorado em Germanística), University of Sheffield. Sheffield, 296 p., 2001.

HOGUE, Chelsea. The Emissary - Yoko Tawada. *Full Stop. Reviews. Interviews. Marginalia*, Mai. 2018. Disponível em: <http://www.full-stop.net/2018/05/18/reviews/chelsea-hogue/the-emissary-yoko-tawada/>. Acesso em: 09 mai. 2020.





HORST, Claire. Raum- und Körperbilder in der Migrationsliteratur. In: *DOSSIER Migrationsliteratur – Eine neue deutsche Literatur?*, 2009.

HORST, Claire. *Der weibliche Raum in der Migrationsliteratur*. Berlin/Tübingen: Verlag Hans Schiller, 2015. E-book.

Interview mit Yoko Tawada. *Botschaft von Japan*, n. 11. Out. 2005. Disponível em: <http://www.de.emb-japan.go.jp/NaJ/NaJ0510/interviewtawada.htm>. Acesso em: 10 abr. 2020.

IVANOVIC, Christine. Exophonie, Echophonie: Resonanzkörper und polyphone Räume bei Yoko Tawada. In: IVANOVIC, Christine (Org.). *Gegenwartsliteratur: Ein germanistisches Jahrbuch*, Tübingen: Stauffenburg Verlag, p. 223-247, 2008.

KÖHLER, Sigrid G. *Körper mit Gesicht: rhetorische Performanz und postkoloniale Repräsentation in der Literatur am Ende des 20. Jahrhunderts*. Köln/Weimar: Böhlau Verlag, 2006.

LAHIRI, Jhumpa. *In other words*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2016.

MATSUNAGA, Miho. „Schreiben als Übersetzung“. Die Dimension der Übersetzung in den Werken von Yoko Tawada. *Zeitschrift für Germanistik*, p. 532-546, 2002.

PAVAN, Cláudia F. As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do “conto” Ein Gast. 2019. Dissertação (mestrado em estudos literários). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 111 p., 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201528/001104649.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jun. 2020.

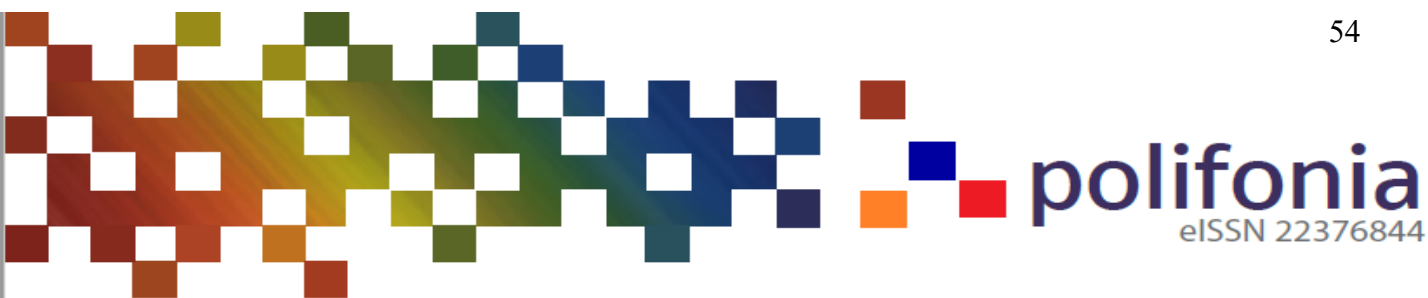
RUSHDIE, Salman. *Step across this line*. New Haven: Universidade de Yale, 2002.

SAALFELD, Lerke von. Yoko Tawada: Im Bann der Sprache. *Daad.de*, 2018. Disponível em: <https://www.daad.de/der-daad/daad-aktuell/de/50423-yoko-tawada-im-bann-der-sprache/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Traduzido por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAWADA, Yoko. Europa und Mehrsprachigkeit. *Études germaniques*. Paris: Klincksieck, n. 3, 2010.

TAWADA, Yoko. Ein Gast. In: TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt & Ein Gast*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014b.



TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt*. In: TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt & Ein Gast*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014a.

TAWADA, Yoko. Poetikvorlesung: *Dejima – Die Seefahrten der Sprache*. In: GUTJAHR, Ortrud (Hg.). *Yoko Tawada: fremde Wasser: Vorlesungen und wissenschaftliche Beiträge*. Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2016. E-book.

TAWADA, Yoko. *Unterwegs in neue kulturelle Räume. Gedanken einer deutschsprachigen Autorin japanischer Abstammung*. Goethe-Institut (Ed.). *Murnau, Manila, Minsk – 50 Jahre Goethe-Institut*, 2001. Disponível em: <http://www.dhm.de/archiv/ausstellungen/goethe/katalog/towada.htm> Acesso em: 29 mai 2020.

YIU, Angela. Mizumura Minae and Hideo Levy. *Routledge Handbook of Modern Japanese Literature*. Routledge, p. 227-240, 2016.